Opinião

A próxima revolução bancária começa quando o cliente diz "cuide disso por mim"

Alessandro Buonopane (*)

Quando o mobile banking chegou, a pergunta que dominava os conselhos de administração era "o cliente vai confiar o dinheiro a uma tela?".

Duas décadas depois, a resposta está no bolso de cada brasileiro. A pergunta desta década é mais incômoda: o cliente vai confiar seu dinheiro a um software que decide sozinho quando, quanto e para quem pagar? A Índia, que assim como o Brasil construiu um sistema de pagamentos instantâneos que virou referência mundial, está prestes a responder pela prática. O país prepara regras para que agentes de IA façam pequenos pagamentos pelo UPI — o "Pix indiano" — sem exigir autorização humana a cada transação, dentro de limites e condições definidos previamente pelo usuário.

O paralelo com o Brasil é inevitável e, francamente, favorável aos brasileiros. O Pix não é apenas um trilho de pagamentos instantâneos: é uma infraestrutura programática, aberta e universal, exatamente o tipo de base sobre a qual o chamado agent banking se constrói com mais naturalidade do que em mercados dominados por cartões, onde o agente precisaria "navegar" por interfaces que não foram desenhadas para máquinas. E o Brasil já tem precedente de delegação no próprio trilho – o Pix Automático permite débitos recorrentes mediante autorização prévia, sem autenticação a cada transação.

A novidade agêntica acrescentaria a esse arcabouço algo que ele ainda não tem, que é a discricionariedade na execução (quando o software passa a avaliar alternativas, e não apenas a repetir uma instrução). Enquanto isso, a conversa regulatória avança e encontra-se hoje à espera de que o Banco Central abra uma consulta pública sobre pagamentos agênticos, seguindo o mesmo caminho participativo que construiu o próprio Pix. Ao mesmo tempo, bandeiras como Visa e Mastercard já testam o modelo no país, com transações piloto envolvendo grandes bancos.

A diferença entre o modelo atual e o agêntico é sutil, mas profunda. Hoje o usuário autoriza a transação; amanhã, a autorização se transforma em um contrato de delegação ("você pode gastar até X, sob estas condições") e, a partir daí, o agente decide o resto. Há quem veja nisso um salto tecnológico e de governança. Há números para sustentar esse ceticismo construtivo. Um levantamento que ouviu 1.013 líderes financeiros de 20 países mostra que o uso ativo de IA na função financeira mais que dobrou em dois anos, saltando de 30% para 75% das organizações, com 71% afirmando que a tecnologia atende ou supera as expectativas de ROI. Mas quando a pergunta muda de "atende" para "supera", o percentual despenca para 23%.

Nunca é demais relembrar: adoção ampla não é excelência. E há uma honestidade que devemos à pesquisa, uma vez que ela mede funções financeiras corporativas, não a disposição do consumidor de delegar pagamentos. Ainda assim, a lição para os bancos é direta. Ao adotar IA e gerar valor consistente são conquistas diferentes, eles obtêm via agent banking o desempenho que precisará aparecer em benefícios reconhecíveis pelo cliente, como evitar atrasos, preservar uma reserva, reduzir o trabalho de acompanhar compromissos. Qualidade de decisão (70%), velocidade de decisão (71%) e precisão de previsões (64%) aparecem no estudo como onde os ganhos se concentram, o que reforça como a IA pensa melhor e mais rápido, porém ainda não provou, em escala, é que age com a responsabilidade que o dinheiro exige.

O risco, é claro, não é pequeno e fingir que ele não existe seria desonesto. Quando um agente passa a executar Pix e pagamentos, nasce uma camada inteiramente nova de exposição para os bancos – autenticação delegada, limites dinâmicos, identidade do próprio agente, contestação de transações, fraude e, sobretudo, responsabilização. Quem responde quando o modelo falha, paga duas vezes ou é manipulado? A própria Índia trava esse debate publicamente. Por lá, autoridades indianas já defenderam que autenticação e liquidação final devem permanecer determinísticas e auditáveis, e um relatório de ameaças digitais propôs controles humanos acima de determinados limiares financeiros.

No Brasil, aplicações bancárias que começam a deixar a IA executar pagamentos já levantam a necessidade de redundância e planos de contingência para o dia em que o modelo falhar – porque ele vai falhar –, e a pergunta não é "se", mas "quanto custa e quem paga". A boa notícia é que a resposta técnica já começou a ser desenhada com o Agent Payments Protocol (AP2), liderado pelo Google com Mastercard, Visa e PayPal entre seus apoiadores. A ferramenta usa mandatos assinados criptograficamente, como "intent mandates" à prova de adulteração, para registrar a intenção do usuário e sua relação com a compra, de modo que a pergunta central de qualquer contestação ("o pagamento executado corresponde ao que o cliente efetivamente permitiu?") tenha uma resposta verificável.

Mas protocolo não basta. Acredito em um princípio de arquitetura sem o qual nada disso escala, com a execução financeira devendo passar por controles independentes do modelo que interpretou o pedido. Valores, permissões e beneficiários verificados antes da movimentação; interrupção do fluxo diante da incerteza; revogação imediata de permissões; e um caminho simples para o cliente suspender a delegação com a mesma facilidade com que a concedeu. Consentimentos amplos demais, como "acessar todas as contas e pagar qualquer coisa", são exatamente o tipo de atalho que mina a confiança antes mesmo dela existir.

Até por ser reconhecido globalmente por um tripé de dados organizados, regulação ativa e supervisão rigorosa, o sistema financeiro brasileiro pode abraçar sem medo o agent banking. A meu ver, um modelo com autonomia limitada, verificável e revogável não é nada mais do que o Open Finance já ensinou ao mercado. O fator humano não é um atraso, mas sim o degrau de maturidade que permite escalar. E os dados regionais confirmam que estamos no momento certo para essa transição disciplinada. O que alguns já chamam de "Agentic Big Bang" – o software que deixa de responder perguntas e passa a perseguir objetivos – já roda em produção em pelo menos 53% das startups da região, contra 30% das corporações, mas com humanos revisando as ações dos agentes em ambos os grupos, de acordo com uma pesquisa.

Na prática, a evolução no Brasil e na América Latina será gradual, começando por tarefas delimitadas (acompanhar vencimentos, organizar os compromissos de uma pequena empresa, pagar fornecedores previamente aprovados dentro de um orçamento) e ampliar a autonomia conforme os resultados forem demonstrados. Há, ainda, uma questão de interesse que poucos estão fazendo: se o agente vai comparar produtos e preços, quais opções poderá considerar, e como eventuais incentivos comerciais serão apresentados ao cliente? O caminho do agent banking não é a autonomia total, porém sim a delegação progressiva, com trilhos auditáveis, exatamente como o Pix construiu confiança transação a transação.

Assim como o mobile banking transformou o banco em um aplicativo, o agent banking transformará o aplicativo em um representante. O cliente não vai mais operar o banco: vai negociar com ele, por meio de um agente que conhece seu orçamento, suas prioridades e seus limites, e que paga o boleto, aproveita o desconto e recusa a oferta ruim sem pedir licença, mas dentro de um mandato claro. As instituições que vencerão essa etapa não serão as que derem mais autonomia primeiro, e sim as que provarem, com evidência auditável, que a autonomia concedida é segura, reversível e rastreável. O Pix nos deu a infraestrutura; a governança nos dará a confiança. O próximo salto da IA nas finanças não será tecnológico – será contratual.

(*) CEO Brasil e LATAM da GFT Technologies.

Trump pretende taxar empresas americanas que construírem data centers no exterior

Donald Trump anunciou na semana passada planos para impor um "imposto enorme" às empresas americanas que construírem data centers em outros países.

Vivaldo José Breternitz (*)

IA_CANVA



"Não vamos permitir que data centers sejam instalados em outros países, porque a China irá usá-los, e não vamos deixar isso acontecer", afirmou Trump a jornalistas durante uma entrevista coletiva.

A declaração sugere que a iniciativa poderá ter como foco especial os data centers voltados à inteligência artificial (IA). Segundo notícias recentes, empresas chinesas estão utilizando instalações desse tipo em países como a Malásia para treinar seus modelos de IA, contornando assim as restrições impostas pelos Estados Unidos à exportação de chips avançados destinados à China.

Caso a proposta se concentre nos data centers voltados à inteligência artificial, ainda não está claro quais instalações seriam enquadradas na nova tributação. Provedores de serviços em nuvem, como a Amazon Web Services (AWS), mantêm centros de processamento de dados em diversos países, que além de processamento de IA também executam tarefas de computação de uso geral. Algumas dessas instalações foram construídas antes mesmo do surgimento dos grandes modelos de IA.

No mês passado, a AWS anunciou planos para investir 18 bilhões de euros na Alemanha no próximo ano. Parte dos recursos será destinada à ampliação da capacidade de seus data centers. Algumas semanas antes, o Google havia anunciado um investimento de 13 bilhões de euros na construção de infraestrutura computacional na Finlândia.

A criação de impostos pesados sobre projetos internacionais de data centers poderá levar algumas empresas do setor a rever seus planos de investimento.

Se a proposta de Trump não se limitar às instalações especializadas em inteligência artificial, seus efeitos serão ainda mais abrangentes, atingindo também os provedores de serviços em nuvem. O presidente disse que não havia discutido a iniciativa com integrantes do governo antes de anunciá-la. Segundo a agência *Associated Press*, ainda não existem informações sobre como o novo imposto seria implementado.

Nas eleições realizadas neste mês, eleitores de vários estados americanos aprovaram medidas destinadas a limitar a construção de data centers. Na semana passada, um grupo de parlamentares anunciou a criação de uma comissão no Congresso dedicada à discussão de medidas para enfrentar os riscos associados à inteligência artificial.

O anúncio de Trump ocorre poucos dias depois do Departamento de Comércio dos Estados Unidos estabelecer novas restrições a instalações de inteligência artificial localizadas no exterior. As regras têm como objetivo dificultar o acesso de empresas chinesas aos processadores mais avançados, e afetam também o Brasil.

É mais um capítulo da novela da inteligência artificial. Outros devem ser anunciados em breve.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor, diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas e pesquisador colaborador da Faculdade de Medicina de Jundiaí – vjnitz@gmail.com.

News@TI

RICARDOSOUZA@NETJEN.COM.BR

IA ajuda empresas de serviços nos EUA a agilizar orçamentos e cobranças

@Empresas de serviços residenciais nos EUA vêm usando inteligência artificial (IA) para apoiar tarefas administrativas, como elaborar orçamentos, emitir faturas e preparar mensagens para clientes. Entre os prestadores que já adotaram a tecnologia, 54% a utilizam para criar orçamentos, 52% para gerar faturas e 51% para escrever e-mails, propostas ou outros materiais de trabalho. Os dados são do relatório Home Service Trends 2026, da plataforma Jobber, baseado em uma pesquisa com 1.050 empresários de serviços residenciais nos EUA. O levantamento abrange setores como limpeza, encanamento, instalação elétrica, jardinagem e manutenção (lumeducation.com).

Skokka coloca a privacidade no centro da estratégia

@Em um ambiente que envolve dados pessoais, imagens e interações digitais, segurança e privacidade estão diretamente relacionadas. É a partir dessa perspectiva que o Skokka vem estruturando seus protocolos de proteção, combinando verificação, monitoramento e mecanismos tecnológicos com atenção à proteção de dados. A plataforma internacional de anúncios do mercado adulto mantém processos voltados à verificação de documentos e mídias e ao acompanhamento dos conteúdos publicados. A estratégia inclui medidas voltadas à prevenção de abusos, ao controle de acesso a conteúdos adultos e à identificação de possíveis violações. A empresa também acompanha a evolução da legislação brasileira sobre proteção de menores (https://br.skokka.com/).

HPE anuncia inovações em supercomputação e escala de rack

@A HPE apresenta duas novas inovações em supercomputação e em escala de rack para ajudar os clientes a melhorar a economia do armazenamento e aumentar a eficiência da refrigeração. As novas configurações híbridas do HPE Cray Supercomputing Storage Systems E2000 criam o armazenamento híbrido para supercomputação mais rápido do mundo, e o HPE Rack Management Controller aprimora a refrigeração e a energia de racks de alta densidade (https://www.hpe.com/us/en/home.html).

MáximaTech leva IA à gestão comercial do atacado distribuidor

@Após desenvolver cinco recursos de Inteligência Artificial (IA) para apoiar a atuação dos vendedores em campo, a MáximaTech, líder em soluções para o atacado distribuidor segundo o ranking ABAD/NielsenIQ, amplia sua estratégia de IA para a gestão comercial. A companhia acaba de lançar o MáximaIA com MCP (Model Context Protocol) da empresa, uma solução que permite que supervisores e gerentes consultem informações sobre vendas, metas, clientes e desempenho das equipes por meio de perguntas em linguagem natural, utilizando assistentes de IA, como ChatGPT, Claude e Gemini. O lançamento também responde a uma preocupação crescente das organizações, que é utilizar ferramentas de Inteligência Artificial para analisar informações estratégicas sem comprometer a segurança dos dados corporativos. Na rotina empresarial, profissionais podem recorrer a chatbots públicos para interpretar planilhas, relatórios de faturamento e outros indicadores comerciais, muitas vezes sem considerar os riscos associados ao compartilhamento dessas informações em ambientes externos.

Combater Crescimento do Consumo de Energia em Data Centers

@A NETSCOUT SYSTEMS, INC., fornecedora líder de soluções de observabilidade de rede, AIOps, cibersegurança e proteção contra ataques DDoS, acaba de anunciar que sua estratégia de design sustentável proporciona aos usuários uma economia de 20% na eficiência energética dos produtos NETSCOUT®, diminuindo tanto os custos operacionais quanto o impacto ambiental. Esse resultado sustentável pode ser potencializado de acordo com a fonte de energia adotada. De acordo com uma pesquisa recente da BloombergNEF, a demanda global de eletricidade dos data centers quase quadruplicará até 2035, chegando a 2.354 terawatts-hora, o que representará 7% da demanda global de eletricidade. Materiais da Forrester destacam que a otimização de recursos se tornou responsabilidade de todos: "Os vencedores não vão debater ou se importar em rotular a resposta como 'sustentabilidade'. Eles serão forçados a planejar IA, energia, água, terra, infraestrutura e impacto na comunidade de forma conjunta. Afinal, é isso que o crescimento resiliente exige atualmente." (www.netscout.com).

Timenow abre vagas para atuação em projetos de expansão e manutenção industrial no Centro-Oeste

@A Timenow, quarta maior empresa de engenharia do país e referência nacional em gestão de projetos, está com vagas abertas para profissionais com formação técnica para atuação em projetos industriais nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As oportunidades contemplam posições de campo e planejamento em projetos de expansão industrial, implantação de infraestrutura e grandes intervenções de manutenção em unidades produtivas do setor sucroenergético. As vagas são temporárias, têm duração estimada de quatro meses e estão distribuídas entre os municípios de Rio Brilhante e Nova Alvorada do Sul (MS), Mineiros (GO) e Alto Taquari (MT) (www.timenow.com.br).

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017) | **Laurinda Machado Lobato (1941-2021)** | **José Leonil Lobato (1939-2026)**

Responsável: **Lilian Mancuso**

Editorias
Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.